

Avaliação Formativa e Pareceres Descritivo: uma devolutiva expressiva à família no contexto da educação infantil

Henilson Erthal de Albuquerque
Jairo Cesar Silva dos Anjos
Herbert Cleber Cadeira

Resumo:

A avaliação tem sido a razão de diversas discussões no contexto educacional. O próprio histórico ao longo dos anos tem apresentado a influência política a que ela tem sido submetida. Encontrar o melhor modelo que venha apresentar os resultados obtidos na aprendizagem, eis o grande desafio. Delimitando neste trabalho à avaliação no contexto da educação infantil, procurou-se realizar um resgate retrospectivo das concepções de avaliação na história nacional brasileira, a fim de que o momento atual possa ser compreendido com maior solidez. A avaliação formativa: o cerne da pesquisa realizada, sob um olhar da legislação, de teóricos da pedagogia e na perspectiva da Educação Adventista, ambiente onde a pesquisa teve seu cenário. Sendo a avaliação formativa no contexto da educação infantil o tema do estudo, foi apresentado o parecer descritivo como a expressão deste modelo de avaliação, com as devidas reflexões, comparando-o com as avaliações tradicionais classificatórias. O parecer descritivo deve retratar os resultados da avaliação formativa. Assim sendo, a qualificação docente influencia o sucesso ou fracasso deste modelo.

Palavras-chave: Avaliação Formativa; Educação Infantil; Parecer Descritivo.



Recebido em: nov. 2024; Aceito em: abr. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.632

A Interseção entre Educação e Cultura: Fundamentos Teóricos e Práticos

Junho, 2025, v. 3, n. 27

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



Formative Assessment and Descriptive Opinions: an expressive feedback to the family in the context of early childhood education

Abstract:

Evaluation has been the reason for several discussions in the educational context. The history itself over the years has shown the political influence to which it has been subjected. Finding the best model that will present the results obtained in learning is the great challenge. Limiting this work to evaluation in the context of early childhood education, we sought to carry out a retrospective rescue of the conceptions of evaluation in Brazilian national history, so that the current moment can be understood with greater solidity. Formative evaluation: the core of the research carried out, from the perspective of legislation, pedagogical theorists and from the perspective of Adventist Education, the environment where the research had its setting. Since formative evaluation in the context of early childhood education is the theme of the study, the descriptive opinion was presented as the expression of this evaluation model, with the necessary reflections, comparing it with traditional classificatory evaluations. The descriptive opinion must portray the results of the formative assessment. Therefore, teacher qualification influences the success or failure of this model.

Keywords: Formative Assessment; Early Childhood Education; Descriptive Opinion.

Valoración formativa y opiniones descriptivas: Una retroalimentación expresiva a la familia en el contexto de la educación

Resumen:

La evaluación ha sido motivo de varias discusiones en el contexto educativo. La propia historia a lo largo de los años ha demostrado la influencia política a la que ha sido sometida. Encontrar el mejor modelo que presente los resultados obtenidos en el aprendizaje es el gran reto. Limitando este trabajo a la evaluación en el contexto de la educación inicial, buscamos realizar un rescate retrospectivo de las concepciones de evaluación en la historia nacional brasileña, para que el momento actual pueda ser comprendido con mayor solidez. Evaluación formativa: núcleo de la investigación realizada, desde la perspectiva de la legislación, de los teóricos pedagógicos y desde la perspectiva de la Educación Adventista, ámbito en el que se enmarcó la investigación. Dado que la evaluación formativa en el contexto de la educación inicial es el tema del estudio, se presentó la opinión descriptiva como expresión de este modelo de evaluación, con las reflexiones necesarias, comparándolo con las evaluaciones clasificatorias tradicionales. La opinión descriptiva debe reflejar los resultados de la evaluación formativa. Por lo tanto, la cualificación del profesorado influye en el éxito o fracaso de este modelo.

Palabras clave: Evaluación Formativa; Educación Inicial; Opinión descriptiva.

Introdução

Falar da Educação Infantil é algo empolgante e encantador, causando-nos alegria e satisfação. O difícil é falarmos sobre a avaliação na Educação Infantil, pois o tema é polêmico e complexo, tem causado nas academias, congressos, reuniões de professores e gestores educacionais, reuniões de pais e mestres e outros ambientes muitas inquietações.

O referencial teórico da área tem apontado questões sobre o conceito da avaliação, seus princípios e sua operacionalidade, com o objetivo de encontrar alternativas viáveis para que o processo avaliativo aconteça de forma mais tranquila e adequada. Entendemos que a avaliação deva ser pensada não como um fim em si mesma, mas, como uma forma de melhorar as decisões de natureza educacional, o ensino, a aprendizagem, o planejamento e o desenvolvimento curricular.

Afinal, muitas interrogações nos perseguem: Como avaliar? É possível avaliar na educação infantil? Será que as crianças não são muito pequenas? Qual a melhor forma de fazê-lo? O que deve fazer o professor? Qual o melhor encaminhamento? Como apresentar da maneira mais fidedigna um relato da aprendizagem do aluno?

Estas entre tantas outras interrogações permanecem amplamente discutidas no interior e exterior da escola, e, muitas vezes, causam diferentes entendimentos.

Na Educação Infantil, a discussão tem ocorrido de maneira marcante nos últimos anos, no sentido de tornar a escola infantil um espaço onde o educar e o cuidar aconteçam de forma indissociada e não apenas como um local onde os pais deixam seus filhos para que possam seguir ao trabalho.

O que as famílias esperam como retorno em termos de ensino e aprendizagem é muito mais que algo mensurável pelas notas emitidas por meio dos métodos tradicionais de avaliação.

Uma educação perpassada por valores, além dos conteúdos, precisa vencer o paradigma quantitativo a fim de se alcançar uma visão qualitativa de avaliação.

Que sistema podemos criar para que a forma de avaliar possa mensurar de maneira mais eficiente e clara os valores, hábitos, bem como conteúdos aprendidos no período letivo?

Como devolver às famílias meninos e meninas que sejam mais do que apenas indivíduos que foram números nas chamadas de diários de classe, ou seja, alunos com personalidade individualizada, cidadãos em formação?

Este trabalho busca traçar uma visão geral sobre avaliação da aprendizagem na educação infantil, para que, finalmente, coloque-se a avaliação formativa como foco principal a ser evidenciado, pressupondo ser esta, a melhor forma de se avaliar alunos.

O que se observa atualmente é que cada vez mais os professores buscam uma avaliação formativa dentro do seu cotidiano pedagógico. Trabalhar partindo de uma concepção formativa não é algo fácil. Demanda tempo, atitudes cuidadosas, observações atentas, registros detalhados. Como nos afirma Hadji (2004, p.21) “a avaliação formativa implica, por parte do professor, flexibilidade e vontade de adaptação, de ajuste. Este é, sem dúvida, um dos únicos indicadores capazes de fazer com que se reconheça de fora uma avaliação formativa: o aumento da variabilidade didática”.

Partindo destas questões, decidiu-se realizar esta pesquisa, sob a temática da avaliação formativa como uma prática expressiva no contexto da educação infantil, como forma de contribuição à educação, cultura e sociedade para ampliação da visão a respeito do que é e como se aplica na prática os conceitos fundamentais da avaliação formativa na forma da elaboração do parecer descritivo da aprendizagem do educando, por ser esta uma discussão ainda pouco priorizada nos ambientes educacionais, muitas vezes em detrimento de discussões que muitas vezes são consideradas como “maiores e mais importantes” nos contextos de Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Mediante o exposto, esta pesquisa traz como objetivos gerais contextualizar a problemática da avaliação no cotidiano da educação infantil e compreender a importância da avaliação formativa na primeira etapa da educação básica.

Quanto aos objetivos específicos, a discussão pauta-se quanto conhecer quais as visões dos pais sobre o processo avaliativo do seu filho e analisar as posições dos professores sobre o processo avaliativo da criança.

Considerando estes objetivos, a presente pesquisa insere-se numa abordagem qualitativa, a qual se caracteriza por uma tentativa de compreender detalhadamente os significados e características situacionais apresentadas pelos sujeitos envolvidos no processo de investigação (Fazenda, 1989).

Para a obtenção dos resultados, optou-se pela pesquisa do tipo exploratório, o qual talvez seja um dos mais relevantes e significativos, pois segundo André e Lüdke (1986), a pesquisa exploratória tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto em que ela se insere. Também objetiva uma maior familiaridade com o problema ou fenômeno a ser investigado, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Considerou-se como instrumento mais viável para a coleta de dados o questionário. Além dos questionários, foram selecionados alguns excertos de pareceres avaliativos, emitidos pelos educadores, sobre o desenvolvimento das crianças durante o processo de avaliação no Colégio Adventista Telêmaco Borba, no Estado do Paraná.

Um Olhar sobre a Avaliação Formativa na Educação Infantil

Os processos avaliativos no contexto da educação infantil surgiram paralelamente à maior preocupação com essa instância educativa, em termos de políticas educacionais no Brasil, a partir dos anos 70, conquistando-se, na Constituição de 1988, o reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito e um dever do Estado (Hoffmann, 2006, p. 9).

“Na verdade, a questão da avaliação insere-se na discussão histórica acerca de uma concepção assistencialista ou educativa para o atendimento às crianças, e a exigência de um processo formal de avaliação parece surgir, mais propriamente, como elemento de pressão das famílias de classe média por propostas verdadeiramente pedagógicas, para além do modelo guarda e proteção do modelo assistencialista. A prática avaliativa, dessa forma, surge como um elemento de controle sobre a escola e sobre as professoras que se vêem com a tarefa de formalizar e comprovar o trabalho realizado via avaliação das crianças” (Ibid., p. 9).

Segundo Hoffmann (Ibid., p. 10-11) “a formalização excessiva da avaliação, quando se efetiva, parece cumprir o objetivo duplo de controlar a ação do professor e o comportamento infantil, revelando-se em práticas avaliativas positivistas, nas quais se percebem os sérios reflexos de concepções elitistas e discriminatórias do ensino regular”.

Essa influência é percebida quando se verifica, em muitas escolas, a existência das fichas comportamentais classificatórias como forma de registro avaliativo dos alunos.

“O modelo de avaliação classificatória se faz presente nas instituições de educação infantil quando, para elas, avaliar é registrar ao final de um semestre (periodicidade mais frequente na pré-escola) os ‘comportamentos’ que a criança apresentou, utilizando-se, para isso de listagens uniformes de comportamentos a serem classificados a partir de escalas comparativas tais como atingiu, atingiu parcialmente, não atingiu; muitas vezes, poucas vezes, não apresentou; muito bom, bom, fraco; e outras. (...) O cotidiano da criança não é verdadeiramente levado em conta, nem é considerada a postura pedagógica do educador (...)” (Ibid., p. 11).

Neste caso, passa a haver uma dissociação entre a avaliação, um mal necessário, sem significado, e o compromisso de educar.

“Tais processos avaliativos não estão a serviço da criança, ou do professor em sua formação reflexiva para o trabalho pedagógico. Acabam por resultar em instrumentos caricaturais de uma educação comportamentalista e classificatória, reproduzindo o modelo burocrático da avaliação do ensino regular” (Ibid., p. 12).

Segundo Hoffmann (2006, p. 13), é “urgente analisar o significado da avaliação no contexto próprio da educação infantil, resgatando os seus pressupostos básicos e evitando seguir modelos da prática classificatória da escola tradicional”.

Em educação infantil é possível estabelecer um sistema de avaliação distante dos padrões classificatórios e seletivos, pois nessa instância educativa não há obrigatoriedade, via sistema oficial de ensino, em determinar índices de aprovação.

Outra razão motivadora para uma transformação no formato de avaliar a educação infantil é apresentada por Hoffmann (Ibid., p. 13):

“(...) os estudos e pesquisas realizadas sobre avaliação, em todos os graus de ensino, permitem concluir que práticas classificatórias não têm sido exercidas em benefício dos alunos, contribuindo para o seu desenvolvimento e para a melhoria do processo de aprendizagem, mas

contra os estudantes, como eficaz instrumento de seleção e exclusão da escola”.

Diante deste cenário, percebe-se claramente a necessidade de dar novo significado à avaliação em educação infantil, que possibilite ao aluno a oportunidade de obter o melhor desenvolvimento possível em sua faixa etária.

Hoffmann (Ibid., p. 14) afirma com propriedade que “a prática avaliativa em educação infantil encerra muitos princípios que deveriam nortear a avaliação no Ensino Fundamental ao invés de seguir o seu modelo”.

A avaliação formativa cumpre papel fundamental no processo de avaliação da Educação Infantil. Ela se posta em todo o tempo entre o início e o final de qualquer atividade proposta com fins avaliativos e sugere um acompanhamento metódico da parte do educador para com seus alunos.

“A avaliação formativa permite conhecer com objetividade o processo de aprendizagem da criança, tendo em vista proporcionar a ajuda pedagógica mais adequada a cada momento e, dessa forma, adequar o ensino à realidade concreta do grupo. Esse tipo de avaliação implica uma prática formal, traduzida pelo educador em uma observação sistemática do processo de aprendizagem da criança, mediante diretrizes ou fichas de observação e um registro de todas as informações obtidas” (Arribas 2004, p. 392).

Bassedas (1999, p. 174) afirma que, ao fazermos referência à avaliação formativa, não podemos colocá-la sob um âmbito cronológico concreto e previsto, pois ela se realiza de uma maneira contínua, ao longo de diferentes atividades e situações que são propostas em sala de aula.

A Avaliação Formativa na Perspectiva do dia a dia

A avaliação formativa ocorre durante o processo de ensino-aprendizagem. É aquela que dará subsídios ao aluno e ao professor para a verdadeira construção do conhecimento. É caminhar, parar por um momento, e continuar caminhando no mesmo rumo ou por outros atalhos, fruto de uma reflexão realizada ao longo do processo.

Como nos afirma Hadji (2004, p. 21) “a avaliação formativa implica, por parte do professor, flexibilidade e vontade de adaptação, de ajuste. Este é, sem dúvida, um dos únicos indicativos capazes de fazer com que se reconheça de fora uma avaliação formativa: o aumento da variabilidade didática”.

Nas palavras de Peña (1999, p. 56), a avaliação formativa se “verifica de forma continuada o quanto o aluno está aprendendo, mas ajuda a refletir sobre o processo, é uma tomada de consciência das estratégias de pensamento que o aluno está utilizando para progredir na aprendizagem proposta”.

Na visão de Bassedas (1999, p. 176),

“É a avaliação que se realiza de uma maneira progressiva e paralelamente às diferentes situações e atividades que se desenvolvem. É a que possui mais sentido e importância na questão educativa (de fato, também nas outras), pois permite modificar a intervenção a partir das informações que se obtém nas próprias atividades de aula”.

Atualmente, é de absoluta relevância que os educadores se rendam à avaliação sob esta perspectiva, pois cada aluno possui suas potencialidades e limitações. É um procedimento avaliativo que requer dedicação constante do professor, cujas intervenções só terão sentido se ocorrerem durante o processo ensino-aprendizagem, nos momentos em que as dificuldades aparecerem para poder ajudar os alunos a superarem-nas.

Para tanto, entende-se que toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, é tida como formativa. “Uma verdadeira avaliação formativa é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada, com o que isso supõe em termos de meios de ensino, de organização do grupo-aula, até mesmo de transformações radicais das estruturas escolares” (Perrenoud, 1999, p.15).

Sendo assim, pesar, agir, repensar um ciclo que abre horizontes, torna possível a cada aluno em sala de aula, atingir os objetivos propostos nas diferentes atividades ministradas.

Bassedas (1999, p. 176), ratifica o pensamento afirmando que

“A avaliação formativa insere-se no processo educativo e tem a finalidade de proporcionar informações que servem para ajustar ou mudar a atuação educativa. Trata-se, então, de adaptar o ensino às características e às necessidades que as crianças apresentam no decorrer das diferentes atividades: enquanto se ensina, enquanto jogam, enquanto trabalham... especialmente a partir da observação e da escuta”.

Porém, está observação, para se perceber a necessidade de mudança de estratégia que vise ao aprendizado de maneira significativa, não deve ser passiva, mas sim algo ativo. Segundo Bassedas (Ibid., p. 176), esta observação

se dá perguntando, ajudando, propondo coisas diferentes às diferentes crianças e detectando, dessa maneira, a sua capacidade de receber ajuda, de aceitá-la e de aproveitá-la.

“Esse tipo de observação participativa produz-se quando se ajuda uma menina a acabar um quebra-cabeças; quando se diz a um menino que está tentando fazer uma casa para observar um companheiro que também tenta fazer uma; quando se vai verbalizando as partes do corpo a uma criança que está fazendo o desenho de uma pessoa e em muitos outros momentos, nos quais se tenta verificar o que os alunos são capazes de fazer, quando são ajudados, ou quando se faz uma atividade justamente com eles” (Ibid., 176).

Ainda, conforme Bassedas (Ibid., p. 176-177), em situações como essas, não se avalia somente o que a criança sabe fazer sozinha, mas também o que sabe fazer com a ajuda ou na interação com outras pessoas. Valoriza-se, como diz Vygotski, a “zona de desenvolvimento proximal” e o potencial de aprendizagem dos alunos quando interagem com outros ou recebem um pouco mais de ajuda.

O professor, ao fazer uso da avaliação formativa, no dia a dia de suas práticas pedagógicas, entre seus alunos, carteira a carteira, obterá preciosas informações sobre o que eles aprendem, sobre suas dificuldades apresentadas em cada tipo distinto de atividade do currículo. Assim fazendo, poderá “ajudá-las [as crianças] de maneira diversificada” e “replanejar a programação quando for necessário” (Bassedas, 1999, p. 177).

Certamente que, assim fazendo, resultados mais significativos poderão ser alcançados, tanto por docentes como por discentes, que conviverão numa sala de aulas repleta de experiências vitoriosas, em que todos caminham juntos, ajudando-se mutuamente.

Conforme afirma Bassedas, (1999), a avaliação formativa não é, definitivamente, a finalidade que se deve alcançar; a finalidade é organizar uma prática educativa adaptada e estimuladora das possibilidades de cada criança.

“Avaliar a educação infantil implica detectar mudanças em competências das crianças que possam ser atribuídas tanto ao trabalho realizado na creche e na pré-escola quanto à articulação dessas instituições com o cotidiano familiar. Implica analisar, com base em escalas de valores, as mudanças evidenciadas. Exige o redimensionamento do contexto educacional - repensar o preparo dos profissionais, suas condições de trabalho, os recursos disponíveis, as diretrizes defendidas, os indicadores usados -, para promovê-lo ainda mais como ferramenta para o desenvolvimento infantil. Envolve

conhecer diversos contextos de desenvolvimento de cada criança, sendo um retrato aberto, que pontua uma história coletivamente vivida, aponta possibilidades de ação educativa, avalia as práticas existentes. Trata-se de um campo de investigação, não de julgamento, que contribui decisivamente para uma proposta pedagógica bem delineada” (Oliveira, 2005, p. 255).

O Parecer Descritivo como Expressão da Avaliação Formativa

Segundo Hoffmann (2006, p. 55),

“o registro da história da criança, no processo avaliativo, não pode significar apenas memória como função bancária, ou seja, há que se pensar no significado desse registro para além da coleta de dados ou informações a partir da observação de uma criança. Por outro lado, em avaliação, não há como nos basearmos apenas na memória, porque ela é muitas vezes falha. A memória pode ser precária, generalista. Ela não é rigorosa e nem sempre se aprofunda”.

Partindo do pressuposto de que necessitamos abandonar definitivamente o sistema tradicional de avaliação que deposita e saca, e que o registro da aprendizagem deve ocorrer de maneira significativa, não informalmente (com base na memória), aumenta a convicção de que a avaliação formativa deva fazer parte do contexto das escolas, com destaque nas de educação infantil, em virtude da natureza desta pesquisa.

A busca por uma maneira de materializar esta questão discutida até aqui em nível teórico e filosófico evoca a possibilidade de o parecer descritivo ser uma maneira de expressar a avaliação formativa.

O Parecer como nova Possibilidade Frente às Fichas de Avaliação Comportamentalistas

Segundo Hoffmann (Ibid., p. 49), “a prática vigente em instituições de educação infantil aponta para a elaboração de fichas de comportamento ou de pareceres descritivos ou as duas formas de registro na grande maioria das instituições”.

“É interessante observar que registros de avaliação sob a forma de pareceres descritivos (relatos escritos do desempenho da criança) surgem justamente na pré-escola e que ela é precursora dessa modalidade de parecer avaliativo. O que pode significar uma tentativa de caracterizar a natureza ‘qualitativa’ e ‘descritiva’ do seu processo avaliativo, coerente à natureza do trabalho pedagógico, desprovido de ‘provas’ de aprendizagem, de graus, menções ou outras medidas quantitativas do ensino regular. Como aspecto altamente positivo, observa-se hoje, a influência dessa modalidade de registro em várias instâncias educativas, como a educação infantil e a educação de

adultos e no próprio ensino regular, predominantemente, nas séries iniciais” (Ibid., p. 49).

Após tantas discussões a respeito da importância de fazermos o uso da avaliação formativa, surge o parecer descritivo como forma de substituir as fichas de comportamento, tão peculiares no contexto de uma avaliação tradicional e de caráter quantitativo.

Devem ser ressaltados os itens que o parecer, como forma de avaliação, busca resgatar: a natureza “qualitativa” e “descritiva” do processo.

“A complexidade que envolve a avaliação do desenvolvimento infantil exige registros descritivos e reflexivos que ultrapassam em muito uma prática de ‘avaliação por cruzinhas’, ou o preenchimento de formulários padronizados. E essa é uma consideração que se aplica a todas as instâncias da educação” (Hoffmann, 2006, p. 52).

Hoffmann (Ibid., p. 52) afirma ainda que

“o que se deve garantir em educação é o respeito às diferenças de cada um. E esse respeito às diferenças exige uma permanente observação e reflexão do processo individual de construção do conhecimento, que só pode acontecer através dos processos descritivos e qualitativos do seu desenvolvimento embasados em princípios mediadores”.

Preservar a individualidade, demonstrando respeito a estas diferenças – eis o grande desafio e o principal acréscimo contido na avaliação formativa e na elaboração dos pareceres descritivos.

“Nesse sentido, os relatórios de avaliação representam a análise e a reconstituição da situação vivida pela criança na interação com o professor. Eles representam, ao mesmo tempo, reflexo, reflexão e abertura a novos possíveis. Ao objetivar, através do relatório, o seu entendimento sobre o processo vivido pela criança, o educador se reconhece como partícipe desse processo, corresponsável pela história construída por ela. Elaborar o relatório de acompanhamento da criança equivale, assim, ao educador assumir conscientemente seu compromisso com ela, e abrir-se à colaboração da própria criança, dos pais e outros educadores no processo avaliativo” (Ibid., p. 55).

Freire (1989, p. 3, apud Hofmann, 2006, p. 55) afirma que

“Por outro lado, relatórios de avaliação podem configurar-se em elos significativos entre a percepção do professor e suas intenções pedagógicas, à medida que representam uma ruptura com o cotidiano mecânico e rotineiro, que impede a reflexão. O relatório estende-se para além da observação enquanto constatação”.

A criança, quando passa pela avaliação formativa, tem no parecer descritivo o registro que faz da construção do conhecimento sua própria história no contexto escolar.

“Para a criança, o relatório de avaliação é o registro que historiciza o seu processo de construção de conhecimento e que constitui a sua identidade. Ele provoca o olhar reflexivo do professor sobre seus desejos, interesses, conquistas, possibilidade e limites, tornando-o partícipe de sua caminhada. Ele é um instrumento socializador de suas conquistas históricas, favorecendo o surgimento de outros olhares reflexivos sobre sua história, tornando-a singular para muitas outras pessoas, e, ao mesmo tempo, contextualizando o seu processo evolutivo e natural de desenvolvimento” (Hoffmann, 2006. p. 56).

O parecer descritivo deve ir além das obrigações burocráticas impostas pelos sistemas de ensino, como forma de garantir o controle de qualidade das escolas e prestar contas aos pais sobre o que se tem ensinado.

“Os relatórios de avaliação alcançam o seu significado primeiro à medida que ultrapassam a função burocrática, para expressar com objetividade e riqueza o processo vivido por alunos e professores no processo educativo. O que lhe dá fundamento é o cotidiano da criança acompanhado pelo professor através de anotações de suas descobertas, de suas falas, de conquistas que venha fazendo nas diferentes áreas do desenvolvimento” (Hoffmann, 2006, p. 56).

O parecer descritivo, assim organizado, leva-nos a compreender a forma como a trajetória de cada aluno se deu. Algumas perguntas servirão como norteador, apontando o caminho percorrido.

“Dessa forma, a avaliação exige sistematização sob a forma de registros significativos que irão reorganizar-se, refazer-se no relatório (...) de avaliação. De onde a criança partiu? Quais foram suas conquistas? Que caminhos percorreu para fazer tais descobertas? Quais as suas perguntas, dúvidas, comentários? Como reagiu diante de conflitos emocionais ou cognitivos? Qual o papel do professor nesses diferentes momentos? Essas e muitas outras perguntas fazem parte do processo avaliativo no cotidiano. Respondê-las e/ou refletir sobre elas representa exercitar o olhar sobre a criança em desenvolvimento. A observação, a reflexão teórica e a intervenção pedagógica são ações avaliativas que, articuladas, acabam por se configurar nos relatórios de avaliação” (Ibid., p. 56).

A elaboração do parecer descritivo torna-se empolgante pela forma construtiva que seu enredo toma. O seu sentido não é o de apontar o que a criança “é ou não capaz de fazer” e “quais suas atitudes e hábitos na instituição”, na direção de uma verificação e classificação de suas capacidades.

“Esses relatórios devem ter um sentido dinâmico de estabelecer elos entre momentos do trabalho pedagógico de um professor ou vários professores, criando um álbum da vida da criança, e permitindo aos pais e professores melhor compreendê-la e ajudá-la em termos de suas possibilidades e limites. Neste sentido, não há lugar para listas de comportamentos e/ou critérios uniformes de desempenho, para classificações conceituais desses comportamentos ou para elaboração de relatórios a partir de roteiros preestabelecidos. Serão as próprias crianças, na sua singular interação com o objeto de conhecimento e com o educador, no seu próprio tempo e circunstâncias que constituirão o conteúdo de cada relatório” (Ibid., p. 57).

METODOLOGIA

A. Delineamento e Tipo da Pesquisa

A avaliação no contexto da educação infantil, ao longo da fundamentação da pesquisa – revisão bibliográfica, foi sendo resgatada nas concepções no percurso da história brasileira, com objetivo de elucidar e compreender o momento atual com maior solidez.

Também recebeu atenção a questão dos pressupostos básicos da avaliação da aprendizagem, para que, em seguida, se passasse pela avaliação no contexto da educação infantil e seus momentos: avaliação somativa, cumulativa e formativa.

A avaliação formativa: eis o cerne da pesquisa realizada, sob um olhar da legislação, de teóricos da pedagogia e na perspectiva da Educação Adventista, mais especificamente no Colégio Adventista Telêmaco Borba, unidade escolar pertencente à região administrativa União Sul Brasileira de Educação, ambiente onde a pesquisa, de caráter qualitativo, teve seu cenário.

Sendo a avaliação formativa no contexto da educação infantil o tema do estudo, foi apresentado o parecer descritivo como a expressão deste modelo de avaliação, com as devidas reflexões, comparando-o com as avaliações tradicionais classificatórias.

B. População-Alvo e Amostra

Como universo considerou-se a instituição adventista de educação, representada pela Associação Central Paranaense (ACP), que compreende a rede de escolas no sul do estado do Paraná. ACP é uma das regiões

administrativas da União Sul Brasileira, que abrange todos os estados do sul do país.

A população como a que está contida no Colégio Adventista Telêmaco Borba, unidade escolar que passou por grandes transformações em sua estrutura física nos últimos dois anos, e como resultado disto, teve um aumento significativo seu número de alunos, principalmente da Educação Infantil, que tem quatro turmas de alunos matriculados na Educação Infantil 4 anos (alunos com quatro anos completos ou a completar) e na Educação Infantil 5 anos (alunos com cinco anos completos ou a completar).

A amostra foi constituída de 10 pais de educação infantil da Escola de Telêmaco Borba.

C. Instrumentos de Coleta de Dados

Para a coleta dos dados optou-se pela entrevista estruturada, usualmente chamada de questionário.

O referido instrumento foi entregue em mãos aos pais, uma vez que a convivência no ambiente escolar tem uma sistemática diária, sendo profundamente pessoal.

Constaram na entrevista estruturada aos pais de alunos três categorias, também presentes no questionário aplicado na amostra de professores, porém com características mais didáticas: (1) Objetivos Norteadores da Educação Infantil; (2) Questões Sociais, Valores e Conhecimento e (3) Atendimento Individualizado, perfazendo um total de três perguntas, também do tipo aberto.

As entrevistas estruturadas foram aplicadas com a intenção de verificar se, na opinião de pais e professores, quanto ao parecer descritivo apresenta-se como expressão da avaliação formativa, e se a visão docente é semelhante à interpretação dos pais, quando da elaboração do parecer, pelo professor, e da leitura dele, pelos pais.

As questões foram respondidas com algumas dificuldades, dada a falta de pré-requisitos ligados ao conhecimento sobre avaliação formativa, sendo verificadas algumas respostas denotando dúvidas ou embaraços.

Análise e Discussão dos Dados

Os questionários, após terem sido recolhidos e organizados em quadros, passaram por análise e discussão. A persecução da discussão ocorrerá mediante o cruzamento de dados, apresentando suas opiniões sobre as mesmas questões em debate, com o apoio de referenciais bibliográficos.

A. O Parecer e a Descrição quanto ao Desenvolvimento da Criança em Relação aos Objetivos dos Campos de Experiência

Essa categoria aborda a questão dos objetivos efetivamente perseguidos pelo professor no trabalho pedagógico, que deveriam ser pontos referenciais na análise do desenvolvimento de uma criança. “Ou seja, objetivos socioafetivos e cognitivos, em termos do desenvolvimento intelectual e moral das crianças, se sobrepõem, em importância, à atividade que elas realizam, por exemplo, ou os assuntos trabalhados” (hoffmann, 2006, p. 58).

O seguinte trecho de um relatório de avaliação:

Lara gosta de pintar com tintas, pois não exige tanto esforços, seus desenhos com giz ou lápis são um pouco rabiscados, pois está na fase das garatujas, caracterizada por traços horizontais, verticais e circulares, sem finalidades aparentes. Lara mostrou interesse por todas as atividades propostas, é ágil, participativa e gosta muito das atividades extraclasse, quando se envolve com os colegas (criança de três anos e meio do Colégio Adventista Telêmaco Borba).

O que transparece nesse recorte é, justamente, a maior importância atribuída, no relato, à ação da criança, sua curiosidade e iniciativa com os materiais a serem explorados (processos de pensamento), do que aos desenhos feitos, técnicas utilizadas ou o produto do seu trabalho artístico (bonito, com detalhes, colorido etc.). Percebe-se que as descobertas, a iniciativa e a curiosidade dela estão sendo prioritariamente levadas em conta pelo professor, quando esse relata que ela vem procurando criar seus com tinta, ou que ainda apresenta dificuldades com giz de cera e lápis de cor, por exemplo. Refere-se também, o professor, aos processos interativos extraclasse. Evidencia-se, assim, um relatório transparente em relação a uma postura pedagógica que privilegia o alcance de tais objetivos cognitivos e socioafetivos na análise do desenvolvimento da criança muito mais amplos do que o alcance de “produtos artísticos”.

Isabely está descobrindo a escrita, consegue identificar foneticamente algumas sílabas nas palavras, mas está em desenvolvimento e a cada dia tem progressos. Faz tentativas de escrita, em algumas palavras consegue relacionar o som da consoante com a vogal. Auxilia os colegas que têm maior dificuldade nesta tarefa (criança com cinco anos e meio do Colégio Adventista Telêmaco Borba).

No trecho acima, percebe-se que o fato relatado sobre a criança não é tão importante no que se refere ao resultado alcançado em termos da escrita de palavras, quanto no sentido de demonstrar que ela apresenta “ensaio de participação e curiosidade”.

Percebe-se que os dois trechos anteriores não desvinculam a análise de aspectos cognitivos da análise de aspectos socioafetivos no desenvolvimento das crianças.

Entendimento dos Pais quanto ao Parecer Descritivo sobre o Desenvolvimento da Criança em Relação aos Objetivos dos Eixos Temáticos

QUADRO 1 – DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM RELAÇÃO AOS OBJETIVOS DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA

SUJEITO	DESCRIPTOR
1	Ao lermos, percebemos quais foram os projetos desenvolvidos, o que cada um propôs para sua aprendizagem, qual o resultado desta aprendizagem para o nosso filho como aluno, o que temos que fazer para ajudá-lo nos itens que ele não obteve sua melhor aprendizagem.
2	Desenvolver aspectos objetivos, psicomotor e social, através de um acompanhamento que permite conhecer a singularidade de cada um e a partir daí permitir que ela tenha participação ativa na construção do seu conhecimento; são os objetivos que percebo no relatório do parecer descritivo.
3	Ao ler o parecer me deparo com objetivos que vão além dos acadêmicos. Enfoca, através dos eixos temáticos, a socialização, o cuidado com o ambiente e o relacionamento com Deus.
4	Através da leitura do parecer descritivo identificamos os eixos, socialização, enfoque religioso, etc., que a escola tomou como base para o desenvolvimento de seus alunos, demonstrando a preocupação, não apenas com o crescimento acadêmico.

5	Os objetivos estão vinculados aos seguintes eixos temáticos: (1) corpo e movimento; (2) os discursos e as palavras; (3) o espaço, a ordem e a medida; (4) as coisas, o tempo e a natureza; (5) higiene e saúde; (6) cooperação, solidariedade e respeito; (7) artes visuais e música; (8) importância de Deus na vida humana.
6	Pode-se perceber que a aprendizagem é concebida como uma atividade de “construção”, o que significa dizer que a criança vai, pouco a pouco, “construindo” para si o significado da atividade proposta. Cada qual atinge o nível que lhe é possível naquele determinado momento, ficando claro que os objetivos estabelecidos para os projetos do bimestre perpassam por todos os eixos temáticos estabelecidos: (1) corpo e movimento; (2) os discursos e as palavras; (3) o espaço, a ordem e a medida; (4) as coisas, o tempo e a natureza; (5) higiene e saúde; (6) cooperação, solidariedade e respeito; (7) artes visuais e música; (8) importância de Deus na vida humana.
7	Objetivos descritos relatam os avanços adquiridos pela criança e, principalmente, conteúdos que foram assimilados.
8	A escola trabalha com a criança procurando situá-la no meio em que vive, mostrando a ela de uma forma alegre e através de brincadeiras a descoberta do mundo, incentivando a socialização. As brincadeiras saudáveis, ressaltando a necessidade de regras e percepção de que as pessoas não são iguais entre si. Através das atividades realizadas, pode-se perceber que é trabalhada coordenação, expressão, responsabilidade e respeito.
9	Integram vários assuntos, como: (1) relações humanas, (2) ambiente e saúde, (3) religião. Possibilitam oportunidade de tornar a criança mais independente e autoconfiante, ou seja, alguns conteúdos referem-se à criança como membro de um grupo.
10	Aspectos básicos do aprendizado infantil, como números, letras, cores, coordenação etc. A integração desses itens com assuntos sociais, de comportamento e religiosidade. Introdução à língua estrangeira, informática, música e prática de atividade física. Tudo muito individualizado, ressaltando pontos positivos e integrando com comportamento/ desenvolvimento da criança ao longo dos meses.

Os pais de alunos destacaram a importância dos eixos temáticos para o desenvolvimento da criança. Transparece que estes eixos norteiam os trabalhos

e permitem aos pais compreenderem o que os filhos têm aprendido no desenvolvimento de cada um, ao longo do período letivo.

Há um destaque especial à educação por valores adotada pela escola, através do sujeito 3, quando afirma "...socialização, o cuidado com o ambiente e o relacionamento com Deus", do sujeito 4, ao comentar "...não apenas o crescimento acadêmico", e do sujeito 8, quando diz que a escola trabalha através de forma alegre, com brincadeiras, incentivando a socialização.

De maneira especial, pode-se destacar a voz do sujeito 6, que apresenta itens importantes em sua leitura do parecer descritivo: a criança passa por um processo de "construção", cada uma "atinge o nível que lhe é possível naquele determinado momento", deixando claro que os objetivos estabelecidos "perpassam por todos os eixos temáticos".

Inter-Relações entre os Objetivos Socioafetivos, Cognitivos e Aprendizagem da Criança

É importante tornar registrado que o parecer descritivo a respeito de uma criança deve abranger todas as áreas de sua vida escolar, não priorizando apenas as questões relativas à cognição (o que se aprende) e aprendizagem (como a criança aprende). Deve-se conferir importância significativa no que se diz respeito à sua condição socioafetiva, importante campo facilitador para uma aprendizagem satisfatória.

Segundo Hoffmann (2006, p. 59-60),

"o desenvolvimento global da criança se dá num espaço pedagógico onde se articulam objetivos, áreas de conhecimento e temas de estudo desenvolvidos sob a forma de atividades adequadas às diferentes faixas de interesse das crianças. Dessa forma, a avaliação da criança se dá num contexto de oportunidades, espontâneo e diversificado, onde, observá-la e acompanhá-la em suas descobertas, exige, sobretudo, um olhar atento e abrangente do professor. Um dia de atividades em educação infantil é suficiente para revelar um sem-número de descobertas de um grupo de crianças, mas essas observações se dão num contexto próprio que dão sentido aos fatos, às vivências das crianças".

Realmente não é possível tornar uniforme o que se observa em cada uma das crianças de determinado grupo, ou os contextos em que serão observadas. Assim, os relatórios deverão fazer referência a cada uma delas em contextos diferentes e sob enfoques diferentes.

Hoffmann (2006, p. 60), ainda ressalta que

“por outro lado, os fatos observados e analisados pelos professores dão-se em contextos diferenciados, de acordo com a variedade de situações vividas por cada um deles. Nada mais natural, por exemplo, que o olhar do professor se detenha ora numa criança, ora num grupo. Que em alguns momentos, por exemplo, esteja observando duas crianças jogando e reflita sobre processos de classificação, seriação ou construção do número do mesmo jogo. E que, paralelamente, esteja analisando a forma como duas crianças resolvem uma briga, ou uma disputa por brinquedos”.

Isso, segundo Hoffmann (Ibid., p. 60), “não é problema em avaliação, se partirmos de uma postura de respeito à própria diversidade do espaço pedagógico da educação infantil”.

“A natureza espontânea do trabalho educativo em educação infantil transparece nos relatórios de avaliação, à medida que o contexto da observação e da ação educativa torna vivo e concreto o relatório do acompanhamento da criança, referindo-se a conquistas ou dificuldades das crianças, relacionadas a atividades ou assuntos trabalhados” (Ibid., p. 60).

O texto abaixo elucida a questão, quando a criança fala que:

Diariamente trabalhamos os hábitos sadios quanto à higiene alimentar e do ambiente escolar. Destacamos o cuidado com alimentação e a importância das frutas para a boa saúde. Dentro deste eixo, falamos também sobre importância do sol para a nossa vida e os cuidados que devemos ter ao se expor ao sol em horário errado. Silvinho demonstra capricho na hora do lanche, senta-se corretamente na cadeira e só se levanta quando termina seu lanche, e incentiva seus colegas a fazerem o mesmo. No momento das frutas, dá gosto ver Sílvia comer, pois aprecia vários tipos de frutas. Quando utiliza cola ou tinta, sempre percebe a necessidade de lavar as mãos (criança de quatro anos do Colégio Adventista Telêmaco Borba).

O desenvolvimento do menino é abordado em termos de sua participação, iniciativa e curiosidade forma contextualizada, ou seja, relacionado ao tema de estudo trabalhado, a saúde e a higiene, sob a forma de um projeto pedagógico, que incluiu atividades como organização na hora do lanche, a escolha de uma diversidade de alimentos saudáveis, bem como a atitude do aluno em incentivar seus colegas a também atingirem os objetivos propostos. Essa inter-relação permite contextualizar o desenvolvimento da criança, percebendo-a no espaço próprio da educação infantil, verdadeiramente rico e espontâneo.

Deve-se registrar ainda que

SUJEITO	DESCRIPTOR
1	Percebo diariamente o amadurecimento emocional dele. Isto acontece porque ele interage com seus colegas nas atividades propostas, ocasionando uma aprendizagem sobre questões sociais, valores, adquirindo, com isto, mais conhecimento.
2	Percebo uma preocupação muito grande da escola em desenvolver atividades que constantemente trabalhem as questões sociais, valores e conhecimento, de forma integrada e complementar, fazendo parte do dia a dia da criança. Isto permite que estas questões sejam absorvidas pelas crianças naturalmente.
3	Vejo o trabalho através dos projetos proporcionam esse aprendizado, pois neles são desenvolvidas atividades que atingem todas essas questões.
4	Tendo em vista que a escola trabalha com projetos, e estes estão voltados para estimular o crescimento integral da criança, essas questões têm sido atingidas satisfatoriamente em relação à minha filha.
5	Dentro da concepção de “mundo” que ele apresenta em questões sociais, valores e conhecimento são abordadas de forma sutil, mas ao mesmo tempo de forma significativa ao seu desenvolvimento.
6	Penso que isso se dá na medida em que os conteúdos estabelecidos nos projetos do bimestre não se encerram em si mesmos. Ao contrário, eles se articulam entre si e com os eixos temáticos estabelecidos na proposta pedagógica da educação infantil do colégio.
7	Através da socialização da metodologia diversificada, que amplia o significado das coisas, das relações sociais, valores, enfim.
8	Através da interação entre colegas, professores e funcionários, onde as atividades realizadas por todos em conjunto, levam ao exemplo e ao estímulo.
9	Toda questão social é educativa, pois ensina valores, desenvolve o sentimento de cooperação. Promovem o desenvolvimento intelectual da criança num ambiente socializador, desenvolvendo também a imaginação, a fantasia, a criação.

10	O que acho fundamental é a disciplina, não só em temas religiosos, mas do ponto de vista de relacionamento, hierarquia, respeito. Nesse sentido, acho que as atividades em grupo que exigem ordem, paciência, espera, liderança, saber ser liderado, são primordiais. Acho que aspectos do dia a dia poderiam ser mais explorados. Podem conter exemplos ricos e objetivos, despertando a curiosidade pelo mundo em que vivem.
----	--

“o acompanhamento da criança no cotidiano é extremamente importante, porque permite analisar qualitativamente o processo que a criança utiliza para chegar a alcançar certas respostas ou desenvolver certas atitudes. É também necessário que se preste atenção ao que consegue realizar independentemente, em grupo, ou com o auxílio do adulto e de outras crianças. A aprendizagem, segundo Vygotsky, se dá de forma interativa, e são muito importantes as trocas interpessoais na constituição do conhecimento. O que a criança realiza, hoje, com a ajuda de outras crianças ou do professor, realizará sozinha amanhã” (Hoffmann, 2006, p. 60-61).

Esse contexto interativo de aprendizagem também se revela no seguinte trecho de relatório:

Dentro deste eixo trabalhamos as datas comemorativas “Dia do Índio”, despertando nas crianças o respeito à cultura indígena e a socialização, e o “Dia das Mães”, desenvolvendo a expressão de carinho e afeto pela mamãe. Monalise realizou as atividades propostas com êxito, participou da festa do índio com entusiasmo, e ensaiou várias canções para apresentar à mamãe. Foi carinhosa com as professoras durante os ensaios e faz novas amizades com coleguinhas de seu grupo de atividade. Quando entra em atrito com algum dos colegas, pede desculpas espontaneamente (criança de quatro anos do Colégio Adventista Telêmaco Borba).

Percebe-se aí, que a avaliação das crianças em educação infantil não é um processo individual, desarticulado do contexto social onde se dá sua aprendizagem. Eis a importância de uma observação contextualizada do professor no cotidiano da criança, que assegura um retrato significativo desta em desenvolvimento, na relação com outras e com o docente.

Parecer dos Pais quanto à Inter-Relação entre Objetivos Socioafetivos, Cognitivos e Aprendizagem

QUADRO 2 – A INTER-RELAÇÃO ENTRE OBJETIVOS SOCIOAFETIVOS, COGNITIVOS E APRENDIZAGEM

A inter-relação entre os objetivos socioafetivos, cognitivos e de aprendizagem estão imbricados, também segundo as vozes dos pais.

O sujeito 1 afirmou que há “amadurecimento emocional” de seu filho e que ao aprenderem sobre questões sociais e valores, adquire mais conhecimento.

O sujeito 2 comentou que a escola trabalha estas questões de maneira “integrada e complementar”, e recebe a concordância do sujeito 6, que entende os conteúdos não encerrados em si mesmos, pois eles se articulam dentro dos eixos temáticos.

Interessante é também notar a voz do sujeito 4, que afirmou que os objetivos são trabalhados de forma sutil, mas, ao mesmo tempo, significativamente.

Reputa-se destaque especial à fala do sujeito 9, o qual afirmou que “toda questão social é educativa”.

Caráter Individualizado no Acompanhamento da Criança

Esta questão refere-se, fundamentalmente, ao respeito às crianças e suas peculiaridades próprias e no seu tempo próprio de ser criança.

“Estudos realizados apontam a dificuldade dos professores de escolas infantis em lidar com as diferenças entre as crianças, transformando essas diferenças em desigualdades, sejam elas de desenvolvimento, de condições sociais, de raça, etnia, religião... A busca por igualdade e padrões uniformes de desenvolvimento, leva o professor a comentar sobre uma criança em relação a outras, a compará-las, a olhar uma criança tendo por referência o coletivo: qual o seu vocabulário em comparação com as outras; como ela se comporta na rodinha, diferente das outras; o trabalhinho que não consegue fazer como as outras...” (Hoffmann, 2006, p. 64-65).

Segundo Hoffmann (Ibid., p. 65), não há como tornar uniformes relatórios de avaliação se eles contemplarem as crianças em seu ambiente próprio e espontâneo numa postura não diretiva do professor.

Este trecho de relatório ilustra de maneira significativa a forma individualizada como o aluno foi descrito diante de situações rotineiras:

Lukas gosta de cantar e assimila com facilidade a letra das músicas, ouve com atenção quando a professora conta histórias ou faz explicações. Na hora da conversa informal, Lukas participa respondendo a perguntas, descrevendo situações rotineiras e enriquece as histórias bíblicas com seus comentários, fruto de experiência adquirida no lar. Lukas aprecia folhear e observar as gravuras dos livros; sempre, após o lanche, senta-se no tapete, no cantinho da leitura.

São apresentadas, assim, particularidades dessas crianças, dando colorido e vivacidade às suas histórias e tornando possível compartilhar com os pais e outros educadores, momentos únicos e ilustrativos da sua trajetória de construção do conhecimento. Mas, mais importante do que isso, é o fato de revelarem professores atentos às conquistas individuais das crianças, capazes de registrar, refletir e analisar a importância dessas reações no contexto do seu desenvolvimento amplo.

Parecer dos Pais quanto ao Caráter Individualizado no Atendimento da Criança

QUADRO 3 – ATENDIMENTO INDIVIDUALIZADO

Sujeito	Descritor
1	Ótimo. Porque conseguimos visualizar minuciosamente seu progresso nas atividades que foram propostas durante cada bimestre na escola, e se houve alguma deficiência para ajudarmos a ele no decorrer do próximo bimestre.
2	Acredito que todo pai quer que seu filho seja mais que um “número”, que ele seja visto e respeitado com suas limitações e potencialidades. O atendimento individualizado permite que através deste o desenvolvimento aconteça de forma natural e gradativa.
3	A observação individual é importante pois, assim, a professora pode desenvolver aspectos importantes do aprendizado da minha filha, com maiores detalhes do que realmente é necessário.
4	Com base no relatório descritivo, e em momentos de conversa com nossa filha, verificamos que o parecer não foi fiel à realidade do conhecimento adquirido pela mesma, pois entendemos que quando alguém se apropriou de certo conhecimento, ela não o tem como algo decorado para certa ocasião e sim para qualquer momento. Mediante ao exposto acima, creio que o atendimento não foi tão individualizado, pois a professora não constatou que a mesma não se apropriou realmente do conteúdo.
5	O atendimento é de forma geral, pois o relatório é um parecer muito semelhante para todos os alunos da mesma classe. Apesar de todos os alunos da turma estarem na mesma faixa etária, nem todos apresentam o mesmo grau de desenvolvimento.

6	Sem dúvida, deveria ser essa a forma de avaliação a ser adotada, não só na Educação Infantil, como também na Educação Básica, ao menos até a primeira etapa. Isso porque acontece um atendimento, um acompanhamento individualizado. O que se leva em conta é todo um processo e não apenas um produto final, o qual, nem sempre retrata a real capacidade de desenvolvimento do aluno. Contudo, sabe-se que a utilização de metodologias diferenciadas requer todo um encaminhamento que a viabilize, a começar por profissionais capacitados para esse “novo olhar para a educação”, além de número adequado de alunos em sala de aula, entre outros.
7	Através do progresso e desenvolvimento da criança, da segurança ao realizar suas tarefinhas e autonomia ao expressar-se.
8	A forma com que o relatório descreve o desenvolvimento do meu filho permite-me avaliar questões que às vezes acabam por passar despercebidas no dia-a-dia do lar, demonstrando, desta maneira, como a escola vem trabalhando, como também nos orientando como podemos trabalhar em casa para que, em conjunto, possamos obter resultados melhores.
9	Vejo que é a forma mais adequada para verificação da aprendizagem, que devem sempre ser observadas as reações e evolução da criança no âmbito escolar. A necessidade de se fazer encontros individualizados com pais é de extrema importância, pois, para mim, avaliação não pode ser medida, nem julgada; ela apresenta uma importância social.
10	O processo é extremamente detalhado, permitindo a interação do aprendizado escola-casa. Demonstra atenção dirigida e acompanhamento especial de nossas crianças. Poderia conter sugestões (se cabíveis) de como complementar as atividades da escola em casa, para interação ainda melhor e também porque a criança às vezes se comporta de maneira diferente quando sob supervisão dos pais e longe destes.

Nesta categoria, onde pela primeira vez não houve respostas satisfatórias por parte de dois dos educadores, houve reflexos nas vozes dos pais quando perguntados se seus filhos recebem atendimento individualizado.

Dos 10 pais entrevistados, 20% deles apresentaram opiniões no sentido de um atendimento que precisa ser individualizado: “verificamos que o parecer não foi fiel à realidade do conhecimento adquirido”, “a professora não constatou que ela não se apropriou realmente do conteúdo” (sujeito 4); “o atendimento é de forma geral, pois o relatório é um parecer muito semelhante para todos os

alunos da mesma classe”, “nem todos apresentam o mesmo grau de desenvolvimento”.

Isto deve trazer momentos específicos de reflexão: toda a teoria estudada quanto às questões ligadas à avaliação formativa deixa de ter significado quando o docente deixa de cumprir com seu papel de considerar cada ser como único e diferente dos demais.

No entanto, outros 80% de pais consideraram o atendimento do professor individualizado.

Algumas vozes são bastante marcantes: “consequimos observar minuciosamente o progresso” (sujeito 1); o filho não é “mais que um número” (sujeito 2); atendendo individualmente, pode-se perceber “um processo e não apenas um produto final” (sujeito 6); este atendimento confere ao aluno “autonomia ao expressar-se” (sujeito 7); “o relatório (...) permite-me avaliar questões que às vezes acabam por passar despercebidas no dia-a-dia do lar”, “(...) nos orientando como podemos trabalhar em casa” (sujeito 8); este atendimento é de “importância social” (sujeito 9); “processo extremamente detalhado, permitindo interação do aprendizado escola-casa”, “demonstra atenção dirigida” (sujeito 10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber, no transcorrer deste trabalho, que avaliação é um assunto vasto e as reflexões sobre ela não se esgotam.

Porém, mesmo que não se chegue a um consenso a respeito deste tema, percebe-se que a avaliação formativa busca aparar arestas, preencher espaços vazios, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais justo, que inclui, ao invés de excluir, fazendo do aluno um participante ativo nas atividades realizadas na escola.

A avaliação formativa tem sua importância e busca contribuir para o planejamento e replanejamento da prática educativa no contexto da educação infantil, como se pode perceber nos referenciais teóricos e nas vozes de professores de educação infantil e pais de alunos do Colégio Adventista Telêmaco Borba.

O movimento articulado nela contido, por meio das ações mediadoras em sala de aula, é uma das razões que levam educadores a abraçá-la de maneira

verdadeira, a fim de vivenciarem um processo de avaliação mais significativo, em que os alunos, sendo avaliados diariamente e através de eixos temáticos bem estabelecidos, com objetivos que atendem a demandas acadêmicas e relacionais, recebendo atenção individualizada, o que permite a observação da evolução gradativa dos mesmos, e torna-os seres construídos para a cidadania propriamente dita.

O parecer descritivo individual, documento que apresenta a maneira de avaliar a aprendizagem das crianças, todos diferentes entes se, com características peculiares, é uma expressão da avaliação formativa. Se bem elaborado por professores capacitados e comprometidos, apresenta (1) um olhar reflexivo sobre o desenvolvimento de cada menino e menina matriculado nas classes de educação infantil; (2) um verdadeiro *feedback*, que possibilita a intervenção pedagógica constante para a resolução de dificuldades relacionadas a questões de aprendizagem e socioafetivas, as quais devem caminhar sempre juntas.

A avaliação formativa se adéqua de maneira *sui generis* aos objetivos da Educação Adventista, ambiente da aplicação da pesquisa, pois esta busca, em sua metodologia de ensino, promover o desenvolvimento integral de todas as potencialidades do ser.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRÉ, M; Lüdke, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ARRIBAS, T. **Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BOGDAN, R; Biklen, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma investigação à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BASSEDAS, E; Huguet, T; Solé, I. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Esporto**. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. MEC/SEF, 1999.

DAVIS, C. et al. **Gestão da Escola: desafios a enfrentar**. Vieira, S. (Org.) Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FAZENDA, I. (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOFFMANN, J. **Avaliação na Pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

_____, **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

OLIVEIRA, Z. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PARANÁ, **Conselho Estadual de Educação do. Deliberação** no. 02/05, Curitiba: 6 de junho de 2005.

PEDAGOGIA ADVENTISTA. **Confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

PEÑA, M. **Formação continuada de Professores na escola: o desafio da mudança, a partir da avaliação da aprendizagem**. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em supervisão e currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens** – entre duas lógicas. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SACRISTÀN, J; Gomez, A. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ermani F. da Fonseca Rosa. 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, J. Introdução: avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora. In: Silva, J., Hoffman, J.; Esteban, M. **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SNYDERS, G. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WHITE, E. Educação. 7ª Ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.